

Brasília, Capital do ano 2.000

Redator da Agence France-Press, Paul Rutler fixa, na presente reportagem, suas impressões a respeito da Nova Capital brasileira. Sua matéria foi distribuída pela agência por todos os países e está sendo publicada por órgãos da imprensa, em todas as línguas, quando do aniversário de Brasília

Os qualificativos não faltaram para descrever Brasília, a já adolescente Capital do Brasil: "Capital do ano 2.000", "Capital da Esperança", "Jóia no Deserto"... ainda que nem todos fossem entusiastas, chamando-a de "Capital do desespero"...

A cidade completou quinze anos a 21 de abril. Há três lustros, Juscelino Kubitschek, então Presidente e agora próspero homem de negócios do Rio, inaugurou a cidade, quando ainda era viva a polêmica em torno da sua construção: para uns, plantar o grande centro administrativo em plena meseta central brasileira era puro delírio; para outros, um genial desafio.

CIDADE DE CONTRASTES

Atualmente, Brasília e suas oito cidades-satélites somam cerca de 900.000 habitantes e seu crescimento é dez vezes superior ao do resto do País, exceto São Paulo.

A polêmica cessou. A mais formosa baía do mundo (a que sempre se deixa com tristeza) continua no Rio de Janeiro, e a Capital longínqua em sua meseta, onde a máquina governamental está bem implantada e funciona a pleno rendimento. Mas, as críticas da cidade mesma e suas anomalias se multiplicam. Todavia, nosso século e seus problemas alcançaram, antes do tempo, esta cidade do futuro.

Inicialmente prevista para ser a Capital do povo e para o povo, converteu-se de fato na cidade dos "mais graves contrastes sociais": só um terço da população vive no Plano Piloto, ou seja, na cidade mesmo; sobretudo, funcionários e gente acomodada, confortavelmente

instalados em suas superquadras e superbairros de vidro e verdes gramados, onde as crianças limpas e despreocupadas brincam e se divertem. Os aluguéis são tão elevados como em Copacabana: de 700 a 800 dólares por um apartamento de quatro quartos, quer dizer, dez vezes o salário mínimo nacional.

Contudo, os que ganham esse salário ou pouco mais, são uma multidão. Para eles, que vieram de todo o país atraídos pelo imagem deslumbrante de um grande centro com possibilidades para todos, o acesso ao Plano Piloto é impossível. Foram, pois, instalar-se nas cidades-satélites apressadamente construídas e não vêm ao centro - que dista dezenas de quilômetros - mas que para trabalhar.

Algumas dessas cidades, como Taguatinga, que conta 125.000 habitantes, converteu-se em centro ativo, vivo, bastante confortável e, segundo alguns, mais humano que Brasília. Mas outros, como Ceilândia, são pouco mais que conglomerados de favelas, com delinquência e miséria.

- Que se fez de nossos irmãos?, perguntou há pouco o arquiteto Oscar Niemeyer, artífice de Brasília, que vive e quer continuar vivendo no Rio. Por último, lá ocorre o índice de desemprego mais alto do Brasil: 6,8% contra, por exemplo, 2,5% no Rio. E o fenômeno se deve, principalmente, à ausência da indústria (ainda que o Governo tenha decidido criar, recentemente, uma importante infra-estrutura industrial) e de trabalhadores especializados.

Assim, a segregação social tem contribuído tanto como os grandes espaços vazios e

a falta de multidões pelas ruas, para dar a Brasília esse aspecto algo inumano, que tanto dá o que falar.

VIDA CULTURAL PRECÁRIA

Que fazer, onde ir, depois que se sai do trabalho? Cafés, restaurantes, clubes noturnos são poucos e excessivamente caros. Há cinemas, naturalmente, mas não teatros. O único que se ia abrir, nem sequer foi concluído.

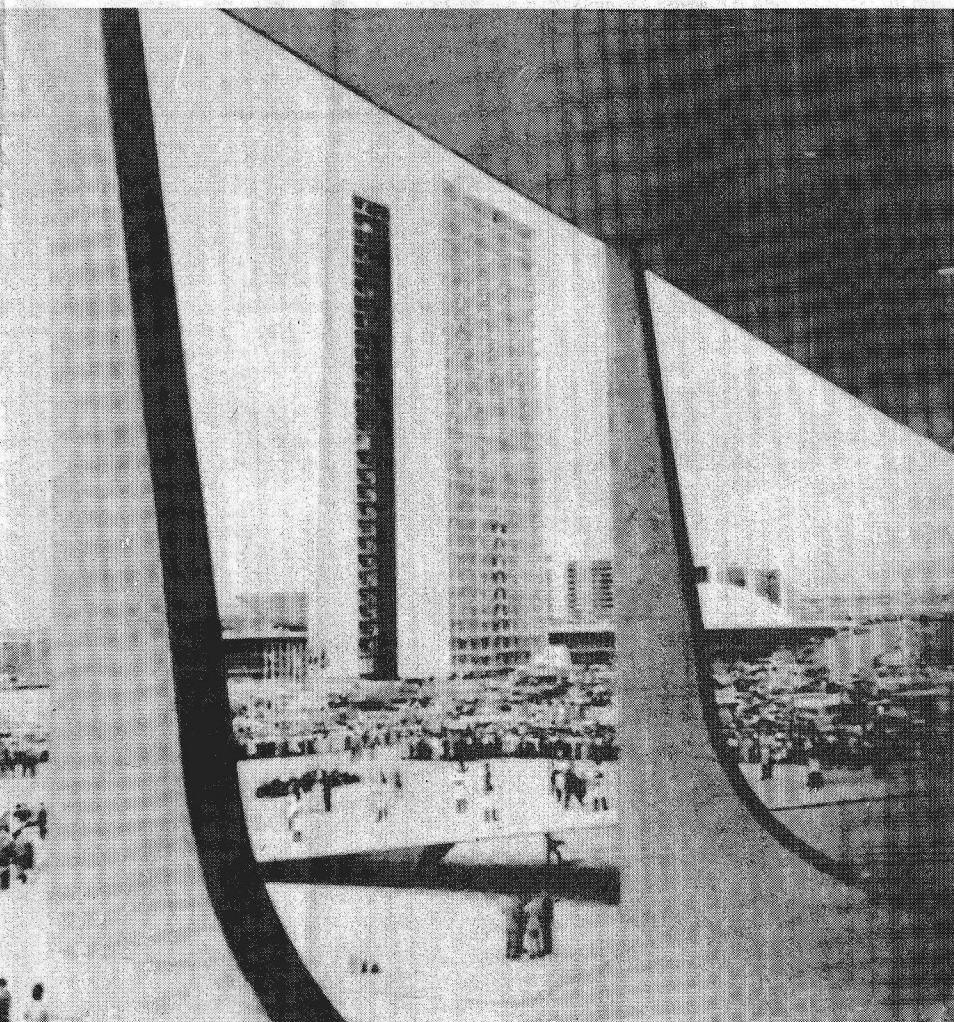
A vida cultural quase não existe. Os urbanistas deveriam interirar-se de que a incultura não se combate com espiões, assinala uma socióloga brasileira. Só resta, pois, a vida social, muito movimentada pelas piscinas e clubes, que ascendem a mais de oitenta.

E, então, o contacto com o século XX se manifesta antes de tudo pelas pequenas enfermidades cotidianas: o corte de água, de luz, de telefone e circulação de veículos que, cada vez mais, se torna difícil.

E se dizia que Brasília era uma cidade feita para um corpo, com sua cabeça, seu tronco e suas quatro rodas. Porque as distâncias são enormes. Mas as avenidas (não há ruas propriamente ditas), amplas, rápidas, sem cruzamentos, como podem estar abarrotadas?

É que o plano inicial previa 20.000 veículos. E há já 90.000, ainda que a cidade só esteja construída pela metade. O resultado é a maior frequência nacional de acidentes.

E, sem que haja paródia, para sair do impasse, as autoridades recorreram ao velho remédio que se supunha desnecessário: os semáforos. E, como não havia cruzamentos, tiveram



FIM DO ISOLAMENTO GEOGRÁFICO

Mas, em que pese essa sequência de erros, consequência do próprio crescimento e da mocidade, Brasília deve considerar-se um grande sucesso. A empresa era gigantesca. Mas também o é o caminho percorrido em quinze anos. Se a cidade não trepida, se vai humanizando pouco a pouco e os funcionários e diplo-

matas, vindos por obrigação, já não se sentem "exilados" a mil quilômetros do mar e das outras grandes cidades do país. Além disso, Brasília vai saindo do seu isolamento geográfico: já está unida por boas estradas a São Paulo, Rio e Belém, e brevemente estará ligada a Manaus e Caracas. A comunicação é vida e já começa a notar-se.

E nisso consiste, precisamente, um dos maiores

Por
Paul Rutler

Praça dos Três Poderes, ao fundo, o Palácio do Congresso, um dia de festa - uma das festas que acompanham este artigo a diversos recantos do mundo

éxitos de Brasília. No princípio, não só se tratava de construir uma simples Capital Administrativa, mas também de dar um grande passo na conquista do imenso interior brasileiro e empurrar a fronteira econômica nacional, que apenas distava uns cem quilômetros do litoral.

O passo está dado. Passou-se a outra grande conquista: a da Amazônia.